

RESENHA: Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual

Dilton Ribeiro Couto Junior

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
junnior_2003@yahoo.com.br

Leandro Teofilo de Brito

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
teofilo.leandro@gmail.com

Resenha: PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2014, 224 p.

Nascida na Espanha, Beatriz Preciado é uma intelectual que vem articulando suas reflexões de gênero e sexualidade a partir do pós-feminismo¹ e da teoria *queer*². Preciado é formada em Filosofia, com Mestrado em Filosofia Contemporânea e Teoria de Gênero pela New School for Social Research, em Nova York, e Doutorado em Teoria da Arquitetura pela Universidade de Princeton, em Nova Jersey³. As diversas provocações realizadas por ela ao longo da obra "*Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*" revela o compromisso ético-político da autora em questionar o regime heterocentrado. Nossa intenção aqui não é enquadrar Preciado dentro de um gênero específico, uma vez que ele mesmo denuncia, ao final da obra, a obsessão do ocidente em "querer reduzir a verdade do sexo a um binômio. Eu dedico minha vida a dinamitar esse binômio. Afirmo a multiplicidade infinita do sexo!" (p. 223). Dessa forma, optamos pelo uso alternado do ele/ela ao nos referir a Preciado, com o objetivo de reafirmar a construção social dos gêneros masculino e feminino.

O interesse pela análise da obra da autora deu-se pela busca por maiores subsídios teóricos que visem dinamitar a produção de determinadas verdades sobre o sexo; verdades estas sintonizadas com a ótica heteronormativa, insistentes em reafirmar a ideia de que as relações amorosas necessariamente precisariam ocorrer única e exclusivamente entre um homem (macho ↔

pênis) e uma mulher (fêmea ↔ vagina). É na tentativa de ir na contramão de um pensamento que vem naturalizando e normatizando certas formas de ser e estar no mundo, privilegiando o casamento heterossexual, monogâmico e envolvendo a criação de filhos, que vimos na obra de Preciado elementos imprescindíveis para desnaturalizar o instituído e rearticular novas formas de compreender os corpos, os gêneros e as sexualidades. Não temos a pretensão de esgotar as reflexões desencadeadas a partir dessa obra, mas lançar-nos no desafio de apresentar um panorama geral do instigante trabalho de Preciado.

A obra foi originalmente publicada em espanhol pela Editorial Opera Prima, em fevereiro de 2002. A edição brasileira aqui analisada, além de apresentar um prefácio escrito por Marie-Hélène Bourcier, é organizada em cinco partes. Intitulada 'Contrassexualidade', na primeira parte do livro Preciado esclarece aos leitores o porquê de colocar em xeque o regime heterocentrado a partir da renúncia da normatização naturalizada das identidades sexuais, que vêm sendo construídas e determinadas historicamente. Para isso, a autora se baseia nos princípios da chamada contrassexualidade para questionar a ordem que estabelece e legitima a produção dos corpos abjetos⁴. Inspirando-se na ideia de resistência em Michel Foucault, Preciado afirma que o termo contrassexualidade apresenta-se como uma alternativa à

produção disciplinar da sexualidade moderna, uma vez que propõe formas contraprodutivas na “desconstrução sistemática da naturalização das práticas sexuais e do sistema de gênero” (p. 22).

A autora apresenta os princípios da sociedade contrassexual, que incluem extinguir denominações como 'masculino' e 'feminino', criar novos nomes sociais que escapem às marcas de gênero, abolir o contrato matrimonial, ressexualizar o ânus, descentralizar a significação de poder do pênis no sistema heterocentrado e colocar em funcionamento práticas sexuais subversivas. Somando-se a isso, Preciado percebe a necessidade de atuar na tarefa de “desconstruir a casa como espaço privado de produção e de reprodução heterocentrada” (p. 42). A partir dos inúmeros princípios criados para se pensar essa sociedade, a autora propõe, ao final da primeira parte do livro, um modelo de 'Contrato contrassexual', cuja intenção é reinscrever os corpos, os gêneros e as sexualidades à luz da perspectiva contrassexual, criando novas estratégias de resistência ao “sistema heterocentrado naturalizado” (p. 44). Esse contrato irreverente, desenvolvido por Preciado, assume uma dimensão política importante ao promover uma tentativa de desestabilizar as normas regulatórias do sexo, com as quais os seres humanos são submetidos cotidianamente na vida em sociedade.

Na segunda parte da obra, 'Práticas de inversão contrassexual', Preciado apresenta e descreve brevemente três práticas contrassexuais: 1) 'O ânus solar de Ron Athey'; 2) 'Masturbar um braço'; e 3) 'Como fazer um dildo-cabeça gozar'. Com elas, a autora pretende ressaltar as múltiplas e variadas formas de sentir/dar prazer, desconstruindo e dinamitando a forma como o regime heterocentrado pretende, incessantemente, normatizar as práticas sexuais heterossexuais (pênis ↔ vagina)

sintonizadas com a reprodução sexual.

A prática do 1) ânus solar foi inspirada na performance homônima de Ron Athey. Realizada em agosto de 1999, em Paris, a performance é constituída de vários momentos, sendo que em um deles Athey “está de quatro, o olho do cu aberto em direção à câmera. Uma mão, de luvas limpas, desenha e grava cuidadosamente um sol preto ao redor de seu ânus com a ajuda de uma máquina de tatuar” (p. 53). Além do desenho, Athey também realiza a autodildagem no palco, após dois dildos serem acoplados em seus sapatos com salto agulha. Dessa forma, o exercício contrassexual do ânus solar, proposto por Preciado, envolve o prazer solitário de autopenetração com dildos. A prática contrassexual sobre como 2) masturbar um braço foi planejada para provocar uma “reviravolta na produção habitual dos efeitos da atividade sexual” (p. 60), principalmente aquelas provenientes da reprodução e dos prazeres genitais. De acordo com Preciado, a fricção do dildo no antebraço intensifica a circulação do sangue até os dedos e proporciona um relaxamento e uma sensação de prazer, na medida em que ocorre a interação entre o corpo e o objeto. A prática contrassexual que aborda 3) como fazer um dildo-cabeça gozar envolve a participação de três corpos. Um dos corpos necessita estar com a cabeça raspada para que o dildo seja aplicado durante as atividades de massagem e relaxamento. Com essa prática, Preciado espera dos participantes “se transformarem em especialistas na arte de provocar e simular orgasmos na cabeça” (p. 67). Essas três práticas contrassexuais revelam outras possibilidades de sentir/dar prazer para além das relações normatizantes do modelo heterossexual. Isso porque a introdução do objeto dildo, e de diversas partes do corpo como a cabeça, o antebraço e o ânus, durante as atividades sexuais, passam a descentralizar

e a colocar em xeque a supervalorização dos órgãos genitais (pênis/vagina).

Na terceira parte da obra, intitulada 'Teorias', o texto inicia-se convidando os leitores a refletirem sobre diversas questões acerca da utilização do dildo nas práticas contrassexuais já discutidas por Preciado: “onde se encontra o sexo de um corpo que usa um dildo? O dildo, em si, é um atributo feminino ou masculino? Onde transcorre o gozo quando se transa com um dildo? Quem goza? Quantos pênis tem um homem que usa um dildo?” (p. 71, grifos da autora). Não é intenção dele responder às perguntas formuladas, mas questionar a instabilidade e a desnaturalização do regime heterocentrado, instaurando também provocações sobre a invisibilidade e a marginalização do objeto dildo na produção acadêmica.

Preciado cita a obra de Judith Butler, '*Bodies that matter*', para afirmar que o termo dildo não é mencionado ao longo do referido trabalho e, ao mesmo tempo, mostra que “Butler omite qualquer referência a práticas sexuais concretas” (p. 77). Em contrapartida, Preciado ressalta a relevância das pesquisas de Judith Halberstam, nas quais exploram teoricamente questões que emergem das práticas sexuais envolvendo esse incômodo brinquedo. O prazer plástico, proporcionado pelo objeto, valida a hipótese de Preciado sobre a compreensão da heterossexualidade como paródia, uma vez que o uso do dildo “ameaça constantemente a estabilidade das operações dentro/fora, passivo/ativo, órgão natural/máquina, penetrar/cagar, oferecer/tomar” (p. 87). O poder do dildo em descentralizar o regime heterocentrado traz a oportunidade para que novas perspectivas teóricas de inspiração *queer* consolidem-se mediante esse fascinante objeto de desejo e prazer⁵.

Outras questões analisadas por Preciado, na terceira parte da obra, incluem uma discussão sobre as tecnologias médicas em

cirurgias de redesignação sexual, realizadas por pessoas transexuais, em seu processo de transição, e crianças intersexuais que nascem com a genitália indefinida. Preciado, inicialmente, tece críticas, em especial, a faloplastia – construção cirúrgica do pênis – afirmando que as equipes médicas oferecem aos seus pacientes “resultados cosméticos muito medíocres” (p. 123). Em relação aos procedimentos cirúrgicos de construção de órgãos genitais femininos, Preciado afirma que as técnicas são mais eficientes, tornando-se quase imperceptível distinguir visualmente as vaginas construídas daquelas popularmente consideradas “normais”. Neste contexto, a autora aponta deslocamentos nestas questões, dando ênfase no que a própria literatura médica denomina de 'invaginação', técnica de transformação de um pênis em uma vagina. No discurso médico heterossexual, a masculinidade abarca a feminilidade como inversão, havendo assim a coexistência potencial de dois sexos em um pênis. A desestabilização de uma masculinidade heterossexual, hierárquica e inquestionável, é problematizada por Preciado nesta discussão.

Sobre as crianças intersexuais, Preciado questiona a tomada de decisão realizada pelos membros da equipe médica ao definir o que seria macho e fêmea em crianças que nascem com indefinições em seus corpos e, conseqüentemente, na designação inicial de seu sexo. Neste sentido, pautando-se na noção de invocação performativa em Judith Butler, Preciado denuncia uma interpelação que sofremos a partir dos resultados do exame de ecografia⁶: “é uma menina!” ou “é um menino!” desencadeiam “efeitos [que] delimitam os órgãos e suas funções, sua utilização ‘normal’ ou ‘perversa’ [...]. Seus efeitos são prostéticos: faz corpos” (p. 130). Deste modo, Preciado afirma que os bebês intersexuais representam certa ameaça a essa heterodesignação dos corpos, pois algumas

vezes apresentam a genitália visualmente não identificável, ou se apresentam de forma ambígua, ou seja, corpos que combinam características sexuais pertencentes a machos e fêmeas. Estes corpos, como afirma a autora, são, muitas vezes, submetidos a uma longa série de operações genitais que duram até o início da adolescência, e quando bebês, essa definição é feita por meio de uma análise cromossômica, que apontará o que é geneticamente masculino ou feminino. Nas palavras da autora, “esses procedimentos de atribuição sexual asseguram a inclusão de todo corpo em um dos sexos/gêneros num quadro de oposição excludente” (p. 136).

Finalizando a terceira parte, Preciado se detém a discutir sobre as tecnologias do sexo. Em tom provocativo, a autora afirma que o 'sexo tecnológico' parece contraditório e insustentável como argumento, já que o sistema sexo/gênero, muito discutido entre os anos oitenta e noventa para problematizar as construções socioculturais, apresenta como base teórica a noção biológica como um fim para reforçar e justificar o modelo naturalizado da heterossexualidade. Partindo das contribuições de Donna Haraway, Preciado mostra que a noção de tecnologia na história e na antropologia definiu diversos binarismos e oposições para estruturar as espécies, e, nesse sentido, definiu corpos masculinos como instrumento e tecnologia e o corpo feminino como instrumento e sexo – este último, especificamente, voltado para a procriação. A crítica feminista ao apontar o corpo das mulheres pautado nas tecnologias culturais, quando voltado para a reprodução, remete a um conjunto de técnicas que, historicamente, controlaram e dominaram o corpo das mesmas. Entretanto, essa ótica é criticada por Preciado, para quem a tecnologia poderia também ser reapropriada pelo movimento feminista como forma de promover ações de resistência à dominação do patriarcado. Por fim, Preciado enuncia que

a noção de 'tecnologia do sexo' vem ao encontro da contrassexualidade ao evitar o falso debate entre “essencialismo e construtivismo”, pois os dois modelos apresentam um fundamento metafísico (inclusive o construtivismo), mantendo-se pautados nas categorias cartesianas e dualistas, reforçando assim a estigmatização política de grupos minoritários.

A quarta parte da obra, enunciada como 'Exercício de leitura contrassexual', Preciado apresenta a noção de 'homossexualidade molecular', proposta por Gilles Deleuze, no trabalho '*O Anti-Édipo*'. Neste contexto, ela busca compreender a importância e o significado do conceito deleuziano, bem como sua apropriação por outro teórico, Félix Guattari. Dentre vários argumentos apresentados para explicitar essa noção, destacamos a forma como Deleuze se “afasta” da “política de identidade”, pois segundo Preciado, o filósofo não está interessado nos discursos produzidos em relação à identidade, uma marca que é perceptível na análise de suas obras: “Nesse sentido, a homossexualidade não é para Deleuze nem identidade nem essência” (p. 179). A homossexualidade molecular diz respeito a uma forma particular das relações que Deleuze chama de “intersexual” e, de acordo com Preciado, trata-se de um deslocamento de significados, porque o homem buscará o que há de masculino na mulher e a mulher buscará o que há de feminino no homem. Vale ressaltar que, na concepção de Preciado, os inúmeros argumentos de Deleuze adquirem uma “complexidade injustificada” (p. 185), não permitindo perceber com clareza o porquê da autodenominação dele como “homossexual molecular”, tampouco as relações heterossexuais que são denominadas como “amores ‘intersexuais’” (p. 185).

No anexo da obra, Preciado retoma uma discussão sobre o dildo, apresentando seus

diversos significados ao redor do mundo, tanto na linguagem como nos sentidos sociais atribuídos ao objeto. A autora chama atenção para a ausência do termo *dildo* nas línguas espanhola e portuguesa, apenas apresentando sinônimos como 'consolo', que remete a uma enunciação heterocentrada, fazendo com que Preciado opte pelo uso da palavra 'vibrador'. Nas línguas latinas, a etimologia da palavra *dildo* apresenta relação com o amor e o gozo, suscitando na autora a ideia de “amor reflexivo” (p. 199) para esse fascinante objeto contrassexual.

Além disso, é na segunda parte do anexo que Preciado, de forma irreverente, narra uma pequena história sobre o surgimento, no planeta Terra, das mulheres lésbicas masculinizadas, ou o que ela denomina de “sapas *butch*” (p. 201, grifo da autora). De acordo com ele, a *butch* é o resultado do entrecruzamento da imitação da masculinidade e da produção alternativa da feminilidade, cuja potência de ser e estar no mundo desafia o regime heterocentrado ao desconstruir a ideia naturalizada do que é ser/parecer 'homem' e 'mulher'. As *butches* do século XXI, segundo provoca Preciado, não “sentem necessidade de ter um pau como o do papai. Brincam com a sequência de DNA que as separa da evolução heterossexual e MUTAM” (p. 211). É dentro desta dimensão contrassexual, estabelecida pela *butch*, que percebemos as diversas possibilidades de produção de corpos que subvertem, reconfiguram e multiplicam as identidades sexuais e de gênero.

Em sua obra, Preciado nos apresenta diversas pistas em defesa de uma sociedade contrassexual que promova cada vez mais e melhores estratégias de resistência e enfrentamento ao regime heterocentrado e patriarcal. Finalizamos esta resenha, nos inspirando também no trabalho de Givigi (2015), pesquisadora que dialoga com Preciado, percebendo importantes

contribuições na obra '*Manifesto contrassexual*' para denunciar as hierarquias de gênero e sexualidade, contestar a centralidade do pênis nas relações sexuais e ressignificar a forma como produzimos, reinventamos nossos próprios corpos e buscamos as mais diferentes formas de prazer:

Estamos de olho nos vários corações dos paus machistas, sexistas e racistas. Temos um cu largo, bucetas variadas, fabricamos outros buracos também. Além disso, preferimos o *dildo* ao falido pênis que um dia sonhou ser o centro do prazer. 'Partiu' desejo, para o além mundo, além-homem! (GIVIGI, 2015, s/p).

¹ Na conjuntura político-cultural contemporânea, Butler (2013) mostra que a denominação “pós-feminista” compreende o período histórico que questiona a ideia do sujeito “mulher” como protagonista e representante do feminismo. O pós-feminismo formula críticas à política identitária e fomenta argumentos que evidenciam as construções sociais, históricas e culturais atribuídas ao gênero e ao sexo. Para outras reflexões sobre isso, ver a obra de Butler, aqui citada.

² Para maiores informações sobre a teoria queer, ver os trabalhos de Louro (2013) e Miskolci (2009).

³ Sobre a formação e a trajetória profissional de Preciado, ver entrevista realizada por Jesús Carrillo (PRECIADO, 2010).

⁴ Sobre identidades e corpos abjetos, ver Bento e Pelúcio (2012).

⁵ Sobre isso, ver o texto de Pelúcio (2014), que propõe a 'teoria cu' a partir da perspectiva queer. Com isso, ela pretende “pensar nos desafios epistemológicos do presente [...] [e] desestabilizar o lugar da cabeça como metonímia para a razão ocidental” (p. 37-38).

RESENHA: Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual.

⁶ Procedimento de ultrassonografia que, dentre outras funções, permite atribuir um sexo ao bebê em gestação.

Referências

BENTO, Berenice. PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Estudos Feministas**, v. 20, n. 2, p. 569 - 581, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

GIVIGI, Ana Cristina (kiki) Nascimento. **Sobre obliquidades, ressacas e desvios: um caminho Capitu**. 2015. Disponível em <<http://www.seminarioedes.com.br/adm/diagramados/kiki.pdf>>. Acesso em 24 de Janeiro de 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, v. 11, n. 21, p. 150 - 182, 2009.

PELÚCIO, Larissa. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. **Revista Florestan**, v. 1, n. 2, p. 26 - 45, 2014.

PRECIADO, Beatriz. Entrevista a Jesús Carrillo. **Revista Poiésis**, v. 11, n. 15, p. 47 - 71, 2010.

Recebido em 01 de agosto de 2015.
Aceito em 09 de novembro de 2015.